

ESTUDOS DE GÊNERO E AUTORIA FEMININA: O CASO JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

GENDER STUDIES AND THE FEMALE AUTHORSHIP: JÚLIA LOPES DE ALMEIDA A STUDY CASE

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p33-38

Resumo

Nosso ensaio se propõe a focalizar a crise do cânone a partir dos anos 60 do século XX, acompanhada pela crise dos estudos literários quando a voz autoral feminina invade o território masculino do fazer literário. O enfoque crítico-teórico se dará de mãos dadas com os estudos de gênero e a crítica feminista, embasado pelo conceito de ginocrítica, termo cunhado pela teórica americana, Elaine Showalter. A ginocrítica tem por objeto de estudo a mulher enquanto escritora, isto é, a mulher enquanto produtora de significado textual. O sentido de gênero adotado para a análise do corpus, o conto *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida, é o de uma “categoria sexual socialmente construída”. O estudo em tela conclui que, a literatura brasileira privilegia o protagonismo autoral masculino, branco, classe-média, portanto, machista.

Palavras-chave: Autoria feminina. Estudos de gênero. Ginocrítica. Crítica feminista. *Ânsia Eterna*. Júlia Lopes de Almeida.

Abstract

Our proposal is to write this essay focusing on the canon crisis developed in the 60's of the 20th Century, followed by the literary crisis when the female authorial voices invaded the male literary territory. The critical-theoretical approach will be developed hand in hand with gender studies and feminist criticism supported by Showalter's term, gynocriticism which focus on the woman as a writer, that is, the woman as a producer of textual meaning (s). In the analyses of the narrative, *Ânsia Eterna*, by Júlia Lopes de Almeida, gender means “a sexual category socially constructed”. Therefore, our conclusion is that in the Brazilian literature the male author is the one who is in the center, hence characterizing the national literature as male, white, middle-class, consequently manliness.

Key-words: Female authorship. Gender studies. Gynocriticism. Feminist criticism. *Ânsia Eterna*. Júlia Lopes de Almeida.

Nadilza M. de B. Moreira

Professora Associada IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

E-mail: nadilza@terra.com.br

“(…) o que eu quero não é escrever meramente; não penso em deliciar o leitor escorrendo-lhe n’alma o mel do sentimento, nem em dar-lhe comoções de espanto e de imprevisto. Pouco me importo de florear a frase, fazê-la cantante ou rude, recortá-la a buril ou golpeá-la a machadado; o que eu quero é achar um engaste novo onde engrave as minhas ideias, seguras e claras como diamantes; o que eu quero é criar todo o meu livro, pensamento e forma, fazê-lo fora desta arte de escrever já tão banalizada, onde me embaraço com a raiva de não saber fazer nada de melhor. Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sonho, vivo, palpitante, com todos os retalhos de céu e de inferno que sinto dentro de mim; livro rebelde, sem adulações, digno de um homem”. (ALMEIDA, 2013: 11)

O fragmento acima foi cotejado da narrativa, *Ânsia Eterna*, da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), e deu título homônimo a coletânea de contos na qual o *corpus* deste ensaio está incluído. A primeira edição da coletânea em tela, *Ânsia Eterna*, deu-se em 1903 pela H. Garnier e está composta por 28 contos que estavam esquecidos desde a segunda edição em 1938, pela editora A Noite, quatro anos após o falecimento da autora. Felizmente, a Editora Mulheres, de propriedade da professora doutora Zahidé Muzart, vem fazendo um trabalho notável de resgate de escritoras esquecidas, principalmente das que viveram e/ou publicaram suas obras durante o século XIX¹. É o caso da obra romanesca de Júlia Lopes de Almeida a qual vem sendo alvo de reedições através de uma política sistemática de pesquisadoras revisionistas, desejosas de recuperar a memória literária de escritoras brasileiras esquecidas nos oitocentos. Imbuída do espírito feminista revisionista a professora Muzart reeditou a coletânea de Almeida, *Ânsia Eterna*, em 2013 pela Editora Mulheres, utilizando a reedição de 1938 a qual foi reformulada por Almeida segundo nota da editora.

O objetivo do nosso estudo é discutir as tensões e as conexões existentes entre: os estudos de gênero e a autoria feminina; discussão esta que, certamente, nos levará a problematizar o (não) lugar das mulheres escritoras na historiografia da literatura brasileira ontem e hoje nos espaços institucionalizados da sociedade letrada brasileira. A escritora que vai guiar nossa reflexão ensaística sobre autoria feminina é Júlia Lopes de Almeida, uma vez que, ela faz parte de um seleto grupo de mulheres escritoras oitocentista que testemunhou o momento histórico decisivo para a inserção institucional da mulher escritora na sociedade letrada brasileira. Tomamos a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1897 como o momento histórico privilegiado para a inserção e o

reconhecimento institucional público da mulher escritora brasileira.

Uma das premissas que defendemos para justificar a inclusão das escritoras brasileiras na ABL desde a fundação da mesma é a significativa presença e produção literária de mulheres escritoras nos oitocentos, a exemplo de Júlia Lopes de Almeida. Ela esteve presente na sociedade letrada brasileira de diversas maneiras e atuou em diferentes espaços como: na imprensa, nos salões literários, nas editoras com publicações sistemáticas, na editoração de inúmeros jornais e revistas literárias de circulação nacional, a exemplo de *A Semana* e *A Mensageira*, revista literária dedicada a mulher brasileira; nas conferências e palestras organizadas por jornais de circulação nacional e/ou local como A NOITE, entre outros. A presença literária feminina nos oitocentos está registrada na memória histórica da nação brasileira; comumente, é dessa fonte dispersa nos mais diversos lugares, públicos e privados, que nascem as pesquisas em forma de teses e dissertações que recuperam e resgatam um passado literário feito por mulheres, sobre mulheres, para mulheres.

As pesquisadoras revisionistas brasileiras, vinculadas a linha de pesquisa sobre resgate de mulheres escritoras e suas obras, do Gt. MULHER E LITERATURA da ANPOLL vêm divulgando um farto material recolhido em sótãos de bibliotecas, arquivos de famílias, coleções de jornais como o extinto “Correio da manhã”, “Jornal do Brasil” entre outros, sobre a memória e a presença literárias de um número crescente de mulheres escritoras e suas produções literárias nos oitocentos que cresce a cada dia e merecem inserção nos espaços de produção do conhecimento, particularmente, nos currículos e programas escolares de todos os níveis. Este é mais um dos tópicos que pretendemos abordar no desenvolvimento deste ensaio, isto é, a ainda tímida ou nebulosa visibilidade da presença da mulher escritora nos currículos e programas nos diferentes níveis escolares; assim como, nas (re) edições de livros de referência como, as antologias; nas exposições literárias; nas entrevistas; nas feiras literárias como a FLIP na cidade de Parati, RJ, entre outras manifestações artísticas e culturais cujo objetivo é divulgar a produção literária de homens e mulheres de Letras no cenário nacional e/ou internacional.

Quando o século XIX terminava, o Brasil passava por profundas reformas que afetaram não só a política e a economia do país, mas a vida das mulheres das classes urbanas mais privilegiadas, permitindo que algumas mulheres excepcionais expandissem seus horizontes buscando espaços de inserção em território tradicionalmente masculino como, o da escrita literária. No bojo das mudanças no entre séculos, XIX/XX, merece destaque a formação de uma elite intelectual brasileira que fundou os pilares da literatura nacional e iniciou um movimento entre os intelectuais da época com o objetivo de

1 MUZART, Zahidé. (1999-2009) *Escritoras brasileiras do século XIX. Florianópolis: Editora Mulheres*. Importante trabalho revisionista publicado em três volumes e elaborado com a colaboração de diversas pesquisadoras brasileiras ao longo de dez anos de pesquisa.

fundar a Academia Brasileira de Letras (ABL) nos moldes da Academia Francesa, na cidade do Rio de Janeiro.

A escritora, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) participou ativamente deste momento brasileiro de transformação e mudanças a ponto de ser considerada pelos seus contemporâneos como, “a mulher escritora da nova república”. Ao apagar do século XIX Júlia Lopes de Almeida já era uma escritora de nome, reconhecida pelos pares, os escritores, e desfrutava de prestígio nacional. Ela tinha um fiel público leitor que a seguia tanto na imprensa carioca folhetinesca, quanto nas edições dos inúmeros jornais onde escrevia regularmente; nas publicações de livros que a mesma realizava nos salões literários, nas livrarias, nas edições de jornais, e em outros espaços igualmente importantes para divulgação literária de uma mulher a frente do seu tempo.

D. Júlia, forma afetiva com que era chamada pelos amigos e leitores, era casada com o poeta português, Filinto de Almeida, circulava entre os intelectuais, participando das reuniões que culminaram com a fundação da Academia Brasileira de Letras, mantinha uma coluna regular, *Dois Dedos de Prosa*, no jornal mais combativo da República, *O País*, colaborava sistematicamente com a revista, *A Semana*, editada no Rio de Janeiro, a capital da jovem nação brasileira, e era louvada pelos críticos pela simplicidade com que escrevia, conforme nos relata João do Rio: “A arte para mim é a simplicidade. Ser simples e sóbrio é um ideal”. (RIO,1994:36).

A casa dos Almeida ficava em Santa Tereza, bairro nobre dos artistas cariocas no entre séculos, XIX/XX. A residência do casal foi um dos locais escolhidos para muitas das reuniões que culminaram com a fundação da Academia Brasileira de Letras. A casa de Santa Tereza tinha vida social e cultural pulsante, seus proprietários recebiam com regularidade os amigos e companheiros das lidas literárias e transformavam os jardins floridos da residência, conhecidos como o Salão Verde de D. Júlia, em palco para a apresentação de peças escritas e encenadas com a supervisão da autora, Júlia Lopes de Almeida. Não é sem propósito que a pena de João do Rio, um dos imortais da literatura brasileira, immortalizou a morada dos Almeida em memorável livro, *O Momento Literário*, 1905, denominando-a: “um lar de artistas”:

Estávamos na casa de Filinto de Almeida, um *cottag* admirável, construído entre as árvores seculares da estrada de Santa Tereza. (...) A casa de Filinto fica a dez minutos da cidade e é como se estivesse perdida num afastado bairro.(...) Uma grande paz parece descer das árvores. Todas as janelas estão abertas. (RIO, 1995: 30-1).

Júlia Lopes de Almeida entrou o século XX como uma figura pública emblemática tanto pela importância na luta pela emancipação do chamado sexo frágil, quanto pela sua extensa produção ficcional a qual muito contribuiu

para a educação das mulheres no Brasil. Merece destaque na obra didática de Almeida a edição dos manuais dirigidos a boa educação das mulheres burguesas como o: *Livro das noivas* publicado em 1896, e o *Livro das damas e donzelas* em 1906. Ambos os livros serviram de guia para as mulheres brancas, burguesas e escolarizadas serem filhas amorosas, mães e esposas devotadas ao esposo, à família e ao lar, assim como donas de casa exemplares, preparadas para as lidas domésticas na transição fim seculares.

Gostaria também de sublinhar que, os livros de Almeida tiveram várias reedições pela livraria Francisco Alves a qual era responsável pela publicação e divulgação das obras de Almeida no Brasil; muitas vezes, ela publicou seus livros primeiro em Portugal para só depois editá-los no Brasil. Para referendar nossas considerações acerca da obra literária de Almeida me amparo na crítica de Lúcia Miguel-Pereira, *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira*, cuja 1ª. edição deu-se em 1950:

Na sua obra extensa Júlia Lopes de Almeida é a maior figura entre as mulheres escritoras da sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu, com os críticos e com o público; todos os seus livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos, sendo que se consumiu em três meses a primeira tiragem da *Família Medeiros* [cuja 1ª edição deu-se em 1888]. (1988: 259-60)

Fica, portanto, evidente que, à época da fundação da ABL, Dona Júlia já era uma escritora reconhecida não somente no Brasil, mas em alguns países da Europa como Portugal e França onde teve parte de sua obra publicada e traduzida para o francês. Fica também registrado que, embora Dona Júlia pertencesse à elite intelectual carioca, estivesse participado das reuniões que resultaram na fundação da ABL, os seus pares não a incluíram na lista dos seletos 40 nomes que formaram o panteão dos imortais em 1897, quando foi criada a Academia Brasileira de Letras (ABL), nos moldes da Academia Francesa, na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo as más línguas, o poeta Filinto de Almeida, esposo da escritora, Júlia Lopes de Almeida, foi indicado para ocupar uma das cadeiras na fundação da ABL não por seus méritos como escritor, mas, como uma estratégia política dos acadêmicos para superar a não inclusão do nome de sua consorte, a escritora por mérito, Júlia Lopes de Almeida, entre os imortais da literatura brasileira. Todavia, há outra justificativa dada à questão suscitada, a de que na época da fundação da ABL a instituição brasileira tinha de seguir os moldes da Academia Francesa a qual estava vinculada. Infelizmente, naquela ocasião, a congênera francesa ainda não autorizava e não reconhecia, institucionalmente, a mulher como escritora, fato que só aconteceu em 1980 do século próximo passado quando a

escritora Marguerite Yourcenar, foi eleita a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Francesa de Letras². Em outras palavras, Júlia Lopes de Almeida foi barrada na porta da ABL por questões de gênero, isto é, o gênero enquanto uma categoria sexualmente construída impediu o reconhecimento da autori(a)dade literária no feminino.

Segundo a concepção machista, uma mulher, mesmo sendo escritora, não tinha e, para muitos continua não tendo, as credenciais necessárias para figurar entre os nomes da tradição literária. Uma vez que, a mulher para ser autora teve (tem) de ser *autorada* pelos autores masculinos, pois, por si mesma, por sua produção ficcional, ela não tinha (tem) autoridade para ser reconhecida uma escritora. Esta constatação nos leva a referendar os estudos de Gilbert e Gubar quando colocam a questão da autoria dos textos masculinos nos seguintes termos: “Será a pena um pênis metafórico?” (1979: p. 3). Acredito que, a exclusão do nome de Júlia Lopes de Almeida para compor o grupo dos fundadores da nossa Academia Brasileira de Letras não somente ilustra o poder simbólico do pênis na produção textual, como ratifica que o estatuto do narrador e da autoridade narrativa é sempre constituído em conformidade com o poder social dominante, no caso o poder do patriarcado versus a impotência da mulher.

A breve exposição sobre o (não) lugar da escritora, Júlia Lopes de Almeida, na Academia Brasileira de Letras ilustra muitos outros embates de exclusão feminina até o momento presente no mundo letrado. O que chamo o caso Júlia Lopes de Almeida leva-me a admitir que, a mulher para ser considerada escritora precisa ter muito mais do que um ‘teto todo seu’ e uma renda que lhe garanta o sustento, como nos dizia Virginia Woolf no ensaio de 1929 sobre, “As mulheres e a ficção”. Na nossa perspectiva, o caso Júlia Lopes de Almeida aponta muito mais para as reflexões de Gilbert e Gubar acerca da autoria feminina quando ambas postulam que: as mulheres escritoras carecem da autoridade que emana das raízes, isto é, se a mulher é propriedade do homem, então ele deve tê-la *autorado*, e, se ele a *autorou*, ela deve ser propriedade dele, logo a mulher não tem autoridade autoral, ela é *autorada*, nunca autora. Às considerações de Gilbert e Gubar acrescento as de Susan Sniader Lanser a este respeito: “o estatuto do narrador e da autoridade narrativa é sempre constituído em conformidade com o poder social dominante” (LANSER, 1992:6). No patriarcado, por sua vez, o poder social dominante continua não sendo o feminino. Conseqüentemente, como conciliar a tensão da autoridade autoral? A crítica feminista propõe uma conciliação nesse sentido através de uma estratégia, isto é, adotar a voz textual feminina como um tropo fundamental na reavaliação da identidade e do poder femininos.

2 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/06/1639809-dany-lafferriere-entra-para-a-academia-francesa-de-lettras.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

Para além de proceder a uma crítica da autoria/ autoridade masculina dos textos, a crítica feminista tem centrado grande parte da sua análise no estudo de textos de autoria feminina, trazendo à superfície textos de autoras que haviam sido esquecidas e reavaliando-as face às experiências e à cultura das mulheres. Júlia Lopes de Almeida é uma das autoras que havia sido esquecida e cuja produção literária tem sido objeto de estudo na perspectiva de gênero, razão pela qual ela e sua narrativa, *Ânsia Eterna*, constituem nosso desafio de análise neste ensaio. Situando-a historicamente sabemos que ela foi contemporânea da luta emancipatória feminina, denominado como a guerra dos sexos. Esse foi um momento histórico em que as mulheres lutaram para desconstruir a hegemonia da autoridade patriarcal, segundo os estudos da professora-pesquisadora Raquel Soihet, publicado em janeiro de 2004, na *Revista Nossa História*, em pesquisa intitulada, *O sexo difamado*.

Segundo Soihet a imprensa brasileira oitocentista fez um desserviço à mulher brasileira que desejasse emancipar-se da tradição imperativa do patriarcado: “Na virada do século XIX para o XX, canções de carnaval, caricaturas e artigos de revistas ironizavam a luta das mulheres brasileiras pelo reconhecimento de seus direitos políticos e civis” (SOIHET, 2004:14-20). Conseqüentemente, o discurso conservador dos meios de comunicação fez muitas mulheres rejeitarem o feminismo, tido como incompatível com o ideal de: beleza, de meiguice e de resignação considerados atributos naturais e desejáveis as mulheres ditas femininas, além de ser compatível com os padrões de feminilidade estabelecidos pelo patriarcado a época. Nas considerações que pretendemos desenvolver acerca do conto de ALMEIDA, *Ânsia Eterna*, levaremos em consideração os estudos de Raquel Soihet fazendo a interface entre a história das mulheres nos oitocentos, a literatura e a ânsia de autoria feminina protagonizada na voz narrativa de Júlia Lopes de Almeida.

A coletânea *Ânsia Eterna* reúne os melhores e mais comentados contos de Júlia Lopes de Almeida tanto pela crítica contemporânea quanto pela do início do século XX quando Almeida os publicou em, 1910. Ela publicou *Ânsia Eterna* quando já era uma escritora segura de si, transcorridos a fundação da ABL juntamente com os desagradáveis acontecimentos acerca da exclusão da mulher escritora do grupo seletivo, os imortais da literatura brasileira. Contextualizo estes aspectos da obra e da vida da autora porque dialogam e, no nosso entender, são eles o fio condutor da narrativa, elementos que precisamos destacar para ilustrar as questões de Gênero na voz autoral feminina pretendida na abordagem crítica-teórica que nos propusemos desenvolver.

A estória, *Ânsia Eterna*, tem início com o diálogo entre dois amigos no escritório, Rogério, e o outro sem nome, ambos com escassa caracterização física e/ou psicológica, entre outros traços constitutivos dos personagens e do

enredo, que tem por trama, a possível razão que impede um dos amigos de publicar o livro desejado:

E o teu livro? Quando aparece o teu livro?
-Parece-me que nunca...

-Por quê?!

- Por isto: o que eu quero não é escrever meramente; não penso em deliciar o leitor escorrendo-lhe n' alma o mel do sentimento, nem em dar-lhe comoções de espanto e de imprevisto. Pouco me importo de florear a frase, fazê-la cantante ou rude, recortá-la a buril ou golpeá-la a machadado; o que eu quero é achar um engaste novo onde encrave as minhas ideias, seguras e claras como diamantes; o que eu quero é criar todo o meu livro, pensamento e forma, fazê-lo fora desta arte de escrever já tão banalizada, onde me embaraço com a raiva de não saber fazer nada de melhor. (ALMEIDA, 2013: 27)

A ausência do nome do protagonista sinaliza para o leitor (a) a construção de um tipo, não de uma personagem ficcional complexa e desenvolvida, de acordo com os estudos teórico-crítico do marxista, George Lukács. O tipo é um personagem ficcional que se apresenta como o representante de um grupo ou de uma classe com a qual ele se identifica; o tipo deu origem a tipicidade (*typicality*): uma combinação de qualidades individuais com os traços históricos representativos de um tipo. Lukács encontrou a tipicidade nos personagens ficcionais do início do século XIX, particularmente na literatura realista.³ (BALDICK, 1990: 231).

Na resposta transcrita acima, dada pelo protagonista sem nome, podemos captar o conflito entre o desejo de escrever um livro genuíno: “(...) o que eu quero não é escrever meramente”, e a impossibilidade de fazê-lo. As justificativas expostas ao amigo para a não escrita do livro são múltiplas: o livro deveria ser revolucionário, deveria romper com os padrões estéticos vigentes: “(...) o que eu quero é criar todo o meu livro, pensamento e forma, fazê-lo fora desta arte de escrever já tão banalizada, onde me embaraço com a raiva de não saber fazer nada de melhor”. Observamos que, à medida que o conflito entre o desejo e a razão acirra-se, debatendo-se entre o querer possível e a impossibilidade de realização, a voz narrativa professa sua fé autoral frustrada a qual pode ser interpretada como a representação da guerra entre os sexos, se a autoria é feminina por que o livro deveria ser digno de um homem?: “Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sangue e do meu sonho, vivo, palpitante, com todos os retalhos de céu e de inferno que sinto dentro de mim, livro rebelde,

sem adulações, digno de um homem”. (ALMEIDA, 2013: 27) [ênfase nossa]

Um traço validado pelo discurso literário oitocentista era a virilidade da linguagem, traço esse que está na voz autoral viril, transvestida, ao rebelar-se claramente contra a escola anterior, o Romantismo: “(...) o mel do sentimento, comoções de espanto, florir a frase, fazê-la cantante”; no fragmento há marcas discursivas românticas as quais são características que se perderam com o Realismo, escola que Júlia Lopes de Almeida professou. A rebeldia também é uma marca do masculino a qual se opõe a docilidade feminina, desvalorizada pelo fazer literário até bem pouco tempo, assim como os temas amenos, considerados próprios para a escrita feminina, porém, impróprios para os homens, visto que o sexo forte e viril não pode ser nem frágil, nem romântico, nem ameno. Todas estas características apontadas na escrita de Almeida são construções sexuais imputadas aos sexos, masculino e feminino, para torná-los modelos a serem seguidos e valorizados pelas instituições. Nos estudos sobre representação a questão de gênero tem muito poder, pois elas são absorvidas e passam a fazer parte do inconsciente coletivo, além de ser considerada a maneira certa, correta de ser e estar no mundo, na sociedade.

Para a personagem protagonista, o estilo não é o mais importante, mas as ideias seguras e claras, as quais deveriam ser, “fora desta arte de escrever já tão banalizada”. (ALMEIDA, 2013: 27). Criticar a estética vigente até os dias atuais, menos intolerantes, é um ato de bravura, quanto mais ao nascer do século XX! Sou levada, pelas evidências, a considerar o texto de Almeida em discussão como um grito a questão autoral no feminino, um grito de alerta que irrompeu bem antes das reflexões de Virgínia Woolf em publicações como *Um quarto todo seu*, de 1929, entre outros ensaios da escritora.

Seguindo o relato do narrador, a personagem expõe o martírio que é escrever: “(...) tenho rasgado muitas páginas, incendiado muitas palavras, assoprado muita cinza aos quatro ventos!” O ato da escrita é torturante e repetitivo, ele leva a personagem a escrever repetidamente, e com a repetição mostra-se o ofício do escritor: (re) escrever várias vezes, (re) ver a obra, porém ele/a nunca está plenamente satisfeito. Seria o sofrimento da escrita uma metáfora ou uma declaração sobre a impossibilidade autoral feminina do tipo, meu gênero me condena? Ou apenas uma constatação dos ditames culturais/sexuais estabelecidos na sociedade brasileira?

Mesmo sendo a escrita uma tarefa dolorosa a personagem não pode se desvencilhar da mesma, ele está preso ao fazer literário o qual está personificado na voz narrativa como, um desconhecido, uma sombra no vácuo que inibe a fluidez da escrita: “(...) há sempre diante de mim, quando escrevo, um desconhecido, sombra no vácuo, indecisa, impalpável, mas que basta para enregelar-me os dedos quando a frase quer cair despida e franca na brancura

³ Type, a fictional character Who stands as a representative of some identifiable class or group of people. () in the work of George Lukács, ‘typicality’ is a quality combining uniquely individualized with historically representative features. Lukács found this typicality in the characters of early 19th-century realistic novels (...).

do papel. Ah! o preconceito! O preconceito!” (ALMEIDA, 2013:29). A presença de um desconhecido, de uma sombra no vácuo diante da escritora nos leva ao célebre texto de Virgínia Woolf, *A Mulher e a ficção*, no qual Woolf diz que a mulher ainda tem de lutar contra vários fantasmas, vencer inúmeros preconceitos, superá-los, até conseguir a tão desejada liberdade autoral, além de outras liberdades ainda mais difíceis do que a de entrar no mundo da literatura, considerada a mais livre de todas as profissões femininas na Inglaterra de então, se comparada a outros setores da sociedade inglesa no início do século XX.

Acredito que quando trazemos o discurso de Júlia Lopes de Almeida para contemporaneidade no contexto do fazer literário feminino, estamos abrindo a possibilidade de atualizar o discurso atemporal desta mulher escritora, a frente do seu tempo, quando presenciamos a produção literária feminina ser um dos fenômenos mais significativos deste último quartel do século XX. Os fenômenos aos quais nos referimos podem ser considerados índices ou sintomas da revolução que se processa nas estruturas profundas da sociedade contemporânea. Igualmente, os inúmeros obstáculos a serem transpostos pelas mulheres escritoras na contemporaneidade para que elas galguem novos caminhos, têm raízes históricas que só fazem sentido se analisadas sob a perspectiva dos estudos de gênero na contemporaneidade.

Gostaria de findar meu texto considerando que, se nos dias atuais não é mais possível excluir-se declaradamente as mulheres escritoras das instituições letradas, pois há mecanismos legais para se impedir tal comportamento discriminatório, por outro lado, elas continuam sendo excluídas sutilmente, disfarçadamente pela expressiva falta de representatividade feminina tanto na literatura nacional, como se deu na pesquisa da professora Regina Dalcastagné, quanto em outros meios de representatividade feminina nos quais a presença autoral feminina deveria se fazer presente em condições, pelo menos, semelhantes à masculina. Exemplifico este fato com a conclusão a que chegou a pesquisadora, a professora doutora, Regina Dalcastagné, da Universidade de Brasília, relatada nas páginas do valioso livro: *Literatura Brasileira Contemporânea* editado pela Editora Horizonte, recentemente.

Outro exemplo que segue a mesma preocupação anterior, isto é, a insignificante presença autoral feminina nos espaços de representação literária, é a coleção *Viver & Escrever*. Ela foi organizada e elaborada por Edla van Steen em três volumes. As duas edições da coleção deram-se pela L&PM Pocket, sendo a 1ª. Edição de 1981, e a 2ª. Edição de 2008. A metodologia de trabalho estabeleceu para cada volume publicado entrevistar um total de 13 figuras literárias nacionais, distribuídas entre os dois sexos: o masculino e o feminino. Portanto, em todos os volumes há treze (13) entrevistados brasileiros assim distribuídos: no 1º. Volume há 12 homens escritores entrevistados, para

somente 01 mulher escritora entrevistada, Nélida Piñon; no 2º. Volume repetiu-se o que aconteceu no 1º. Volume, isto é, no universo de 13 figuras literárias entrevistadas deu-se espaço para apenas 01 mulher escritora, Maria de Lourdes Teixeira. E finalmente no 3º. Volume editado, no universo de 13 figuras literárias entrevistadas somente 03 (três) delas eram mulheres escritoras: Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles e Henriqueta Lisboa. O que se tem de concreto sobre as mencionadas publicações é que há um descompasso entre, o fenômeno da significativa produção literária das mulheres brasileiras a partir do último quartel do século XX, e a alarmante ausência feminina em publicações coletivas as quais, deveriam ser representativas desse segmento. A falta de representatividade feminina nas Letras se estende para os currículos e programas escolares tanto nos níveis, fundamental, médio e superior, quanto nos níveis da pós-graduação.

A luta emancipatória feminina, denominado como a guerra dos sexos, marcou um momento em que as mulheres lutaram para desconstruir a hegemonia da autoridade patriarcal no século próximo passado. Infelizmente, a luta que nos propomos hoje não pode ser diferente, ela tem de continuar lutando pela inserção feminina nos espaços de representação, ela precisa continuar para que as mulheres tenham oportunidades de estudo, de trabalho e de manutenção de suas famílias. Não podemos cruzar os braços diante dos resultados de pesquisas pontuais como as apresentadas aqui; para essa distinta e diferenciada platéia a luta continua.

Referências

- ALMEIDA, Júlia L. de. (2013). *Ânsia eterna: contos*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- BALDICK, Chris (1999). *The concise Oxford dictionary of literary terms*. Oxford: Oxford University Press.
- GILBERT, Sandra e GUBAR, Susan. (1979). *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. London e New Haven: Yale University Press.
- RIO, João do. (1994). *O momento literário*. Organização: Rosa Gens. Rio de Janeiro: Edições do Departamento Nacional do Livro e Fundação Biblioteca Nacional.
- SOIHET, Raquel. (2004). “O sexo difamado”. *Nossa história*. Ano 1, nº.3, p. 14-20, janeiro.
- WOOLF, Virgínia. (2014). *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. Posfácio: Noemi Jaffe. São Paulo: Editora Tordesilhas.